



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

O FAZER ACADÊMICO E AS INTERFACES COM O TERRITÓRIO INDÍGENA KAIGANG: aproximando saberes por meio de ações de extensão

Área Temática: Cultura.

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Campus Palmeira das Missões-RS

Alice do Carmo Jahn¹; Isabel Cristina dos Santos Colomé²; Maria da Graça Porciúncula Soler³, Marta Cocco da Costa⁴, Antonio Joreci Flores⁵, Elaine Marisa Andriolli⁶, Darielli Gindri Resta Fontana⁷, Ethel Bastos da Silva⁸, Tatiana Nigaja Claudiano de Oliveira⁹

Resumo

A Política Nacional de Extensão Universitária sistematizou diretrizes que orientam a implementação das ações extensionistas nas Universidades Públicas Brasileiras, destacando-a como uma prática que se articula ao ensino e a pesquisa de maneira indissociável, proporcionando o deslocamento universitário para o contexto de vida dos atores sociais e suas singularidades. Este trabalho objetiva relatar a experiência vivenciada por docentes e discentes de um Curso de Enfermagem na integração entre ensino e extensão universitária no território indígena Kaigang. O relato é realizado por meio da descrição das características do território, da população e das ações extensionistas que vem sendo desenvolvidas por meio de disciplinas curriculares de

¹ Professora Adjunta do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM – Campus Palmeira das Missões-RS. Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva (NEPESC).

² Professora Adjunta do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM – Campus Palmeira das Missões-RS. Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva (NEPESC).

³ Professora Adjunta do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM – Campus Palmeira das Missões-RS. Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva (NEPESC).

⁴ Professora Adjunta do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM – Campus Palmeira das Missões-RS. Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva (NEPESC).

⁵ Docente do Curso de mestrado em Agronegócios - Universidade Federal de Santa Maria – Campus Palmeira das Missões – RS - Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET)

⁶ Assessora Territorial do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET)

⁷ Professora Adjunta do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM – Campus Palmeira das Missões-RS. Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva (NEPESC).

⁸ Professora Adjunta do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da UFSM – Campus Palmeira das Missões-RS. Membro do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva (NEPESC).

⁹ Enfermeira de EMSI – Equipe Multidisciplinar de saúde Indígena – Terra Indígena Serrinha - RS



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Saúde Coletiva. As atividades extensionistas são desenvolvidas de forma participativa e de acordo com o levantamento das prioridades das comunidades mediante o uso de oficinas, espaços coletivos de discussões, dramatizações, grupos educativos, integração cultural, entre outros. Entre as ações desenvolvidas está a Feira de Saúde Indígena realizada na aldeia. As oficinas educativas foram voltadas à atenção à saúde da criança (tema: obesidade infantil, método: pinturas em gravuras, colagens, teatro com fantoches), aos adolescentes foram abordados os assuntos Doenças Sexualmente Transmissíveis/HIV e AIDS, gravidez precoce; na saúde da mulher (preventivo câncer do colo útero, mama, exames de rotina); na saúde do homem (câncer de próstata, exames periódicos) e ao público em geral rodas de conversa sobre diabetes mellitus e hipertensão arterial. Em parceria com a Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena ocorreu o encontro “Saúde Coletiva e as interfaces com o território Indígena Kaingang: aproximando saberes”. O objetivo do evento foi proporcionar espaço coletivo de troca de saberes culturais e fortalecimento do processo formativo. A universidade vem contribuindo para o conhecimento acerca das comunidades indígenas, promovendo uma aproximação importante frente a suas principais necessidades sociais, de saúde, de educação, meio ambiente, geração de renda e qualidade de vida presentes no território, a fim de construir ações no campo da promoção da saúde voltadas à realidade local. No que tange à formação acadêmica do profissional enfermeiro esse tipo de atividade vai ao encontro das diretrizes curriculares para os cursos de enfermagem, na medida em que permite a aprendizagem significativa condizente com as necessidades de saúde da população.

Palavras chave: Saúde. Cultura. Relações Comunidade-Instituição.

1. Introdução

A Política Nacional de Extensão Universitária, originada a partir do Fórum de Pró-Reitores de Extensão Universitária em 2012, sistematizou diretrizes que devem orientar a implementação das ações extensionistas nas Universidades Públicas Brasileiras, destacando-a como uma prática que se articula ao ensino e a pesquisa de maneira indissociável, viabilizando a interação dialógica e a interdisciplinariedade. Além destas características, proporciona o deslocamento universitário para o contexto de vida dos atores sociais e suas singularidades (FORPROEX, 2012).

Reconhecendo a importância de ações extensionistas na formação acadêmica, docentes e discentes das disciplinas que compõe o Núcleo da área de Saúde Coletiva do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria - Campus de Palmeira das Missões/RS, vem desenvolvendo atividades desta natureza, contemplando a diversidade social e cultural existente na região onde está situado o referido Curso. Um



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

diferencial do espaço geográfico que está inserido este Campus da Universidade, é a concentração do maior número de indígenas do Estado do Rio Grande do Sul, os quais estão distribuídos nas regiões ao norte e noroeste do Estado, no Planalto Médio e Alto Uruguai e região Central (BECKER, 1995; VEIGA, 2006; IBGE, 2010). Os índios no RS são da etnia Charrua (pequeno grupo) e Guarani com o predomínio da Kaingang. Os Kaingang no Rio Grande do Sul habitam em terras indígenas, porções de seus antigos territórios demarcadas pelo Estado e naquelas que ainda aguardam o processo de oficialização e legalização. Também vivem em acampamentos as margens de rodovias, em pequenos aldeamentos nas periferias de centros urbanos e nas zonas rurais (PEREIRA, 2005; VEIGA, 2006). Distribuem-se em 45 municípios de 13 Coordenadorias Regionais de Saúde no Estado.

A interface de saberes culturais, entre a universidade e comunidades indígenas Kaingang e sua aplicabilidade, busca sensibilizar, fomentar e ampliar o seu potencial para que venham intervir em seu próprio contexto de vida na perspectiva de mudanças e transformação social e acadêmica, potencializando as ações pensadas coletivamente que envolvem os determinantes sociais e de saúde no território.

Sendo assim, este trabalho tem como **objetivo** relatar a experiência vivenciada por docentes e discentes do Curso de Enfermagem da UFSM Campus Palmeira das Missões-RS no que se refere à integração entre o ensino e a extensão universitária no território indígena Kaingang, descrevendo a sua inserção na comunidade, as atividades desenvolvidas e o impacto destas na comunidade e na formação acadêmica.

2. Material e Metodologia

Este trabalho consiste em um relato de experiência acerca da inserção de docentes e discentes do Curso de Enfermagem da UFSM/PM na Terra Indígena Serrinha – Aldeia Alto Recreio no município de Ronda Alta – RS, com a etnia Kaingang. As atividades na comunidade indígena acontecem por meio de ações extensionistas proporcionadas no decorrer das disciplinas curriculares de Saúde Coletiva. Estas ações são desenvolvidas de acordo com o levantamento prévio das prioridades da

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apóio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

comunidade, mediante metodologias participativas, oficinas temáticas, rodas de conversa, dramatizações, grupos educativos, integração cultural, contação de histórias entre outros.

Essa metodologia prioriza a participação dos atores sociais no processo de construção compartilhada de conhecimentos e experiências culturais. O público-alvo é a comunidade indígena, incluindo os alunos e professores das escolas. As atividades ocorrem de uma a duas vezes por semestre, com duração de um dia. Os principais temas trabalhados são: valorização da cultura, alimentação saudável, obesidade infantil, Doenças Sexualmente Transmissíveis/HIV e AIDS, gravidez, prevenção do câncer do colo útero e mama, saúde do homem, saúde bucal, auto-cuidado e medidas de promoção à saúde. As oficinas acontecem em pequenos grupos, a fim de que todos os sujeitos tenham espaço para sua livre expressão. De acordo com o tema a ser trabalhado são utilizados diversos materiais como: revistas para recorte e colagem, tintas, canetas, lápis de cor e materiais para produção de cartazes, desenhos, álbuns seriados e materiais educativos produzidos pelos acadêmicos de enfermagem, fantoches, apresentações de teatro, de vídeos, músicas e jogos interativos. Esses recursos oportunizam aos indígenas uma aproximação com as temáticas trabalhadas, mediante a troca de saberes e construção compartilhada do conhecimento. Para o desenvolvimento das ações são utilizados espaços coletivos como: salão comunitário, escola, igreja, Centro Cultural Kaingang e Unidade de Saúde Indígena. Também realiza-se algumas medidas de cuidado e educação em saúde, como: verificação de pressão arterial, controle da glicemia, avaliação antropométrica, orientações sobre a prevenção de doenças transmissíveis e doenças crônicas.

3. Resultados e Discussões

A articulação de saberes e práticas entre a academia e a comunidade indígena Kaingang, teve um começo logo após a expansão do Ensino Público com a criação do Campus da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-RS no município de Palmeira das Missões no ano de 2006. Em função das demandas do Curso de Enfermagem que iniciava no município a primeira iniciativa naquele momento foi conhecer a dinâmica de

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

funcionamento dos serviços de saúde do município e região, para identificar o potencial e efetivar as parcerias. Verificou-se que em diversos municípios existiam reservas indígenas com equipes de saúde que assistiam os índios na saúde e doença. As informações sobre a presença de índios na região sinalizaram para a importância e o desafio de olhar para a diversidade cultural e os saberes da cultura Kaingang. Um assunto que até então não fazia parte da trajetória profissional do grupo recém-chegado no município de PM, assim como da estrutura curricular. Na ocasião foi pensado que uma das maneiras de iniciar a aproximação acadêmica ao universo kaingang poderia acontecer com a dinâmica de deslocarmos até as aldeias.

Assim, em meados de 2007, docentes do Curso de Enfermagem do eixo das disciplinas de Saúde Coletiva planejaram e organizaram um roteiro para conhecer algumas aldeias com o apoio da 15ª. Coordenadoria Regional de Saúde. No itinerário para as aldeias os técnicos da 15ª CRS faziam algumas contextualizações acerca dos conflitos em torno dos territórios indígenas e as implicações para a vida dos índios. Falavam do processo de expropriação que as reservas haviam sofrido ao longo dos anos. Sobre a drástica redução de terras indígenas e das muitas aldeias extintas para dar espaço à frente de expansão colonizadora. A exemplo citaram a reserva da Serrinha-RS, da qual faz parte, a aldeia do Alto Recreio. Os índios foram expulsos do território pelo governo do Estado para assentar colonos imigrantes, alemães e italianos em especial. A ação colonizadora levou os índios a ocupar espaços cada vez mais reduzidos sob a forma coercitiva. Os técnicos destacavam os reflexos e o impacto que o aldeamento gerou para a vida dos índios, principalmente nas condições de saúde e na cultura. Em parte o que os profissionais relatavam era possível verificar na paisagem. Grandes e extensas áreas de desmatamento, predomínio de culturas com o plantio de feijão, soja, milho, fumo e trigo. Nas proximidades e chegando às aldeias o cenário com áreas devastadas se repetia. As características das moradias de indígenas tomaram formas e contornos semelhantes às construções do homem branco. É visível a influência da cultura branca envolvente. Sendo assim, na sua historicidade o espaço da proposta extencionista traz elementos que envolvem uma realidade complexa, tendo como motivação a disputa de terras entre índios e agricultores. O território passou por

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

mudanças significativas na sua configuração com o processo de demarcação das terras e consequentemente, deixou resquícios da passagem de uma cultura para outra. Um espaço com uma realidade diversa que impõe aos Kaingang desafios e necessidades de outros saberes, experiências e adaptações culturais. Para os índios, a terra é um todo integrado com a natureza e os elementos que a compõe. Onde se estabelecem as relações que expressam singularidades. Falar da saúde indígena é falar do território, do ambiente que os envolve (JAHN, 2015; CLAUDINO, 2013).

Os conflitos decorrentes da ocupação não-indígena sobre os territórios Kaingang acarretaram mudanças no seu estilo de vida, sobretudo porque foram destruídas as bases materiais de produção econômica do grupo, causando variações nos padrões tradicionais de abastecimento dos Kaingang (TOMMASSINO, 1998).

Uma das maiores lutas do povo Kaingang acontece pela demarcação de seu território e propriedades, como também buscam incessantemente por melhorias das condições de saúde e para que esta aconteça de forma diferenciada. Na trajetória histórica do povo Kaingang, se observa que este sobreviveu a diferentes estilos impostos no processo de colonização e resistiram a confrontos e desafios decorrentes do contato inter étnico. Dentre eles, vivenciaram profundos impactos no quadro Sanitário, além de contraírem outros agravos que desafiam o Sistema de Saúde brasileiro na implementação de políticas de saúde contundentes com as necessidades de saúde dos indígenas e à diversidade sociocultural (JAHN, 2015).

Nesse cenário de interações teóricas e empíricas, o desenvolvimento de ações de extensão busca dar visibilidade para o contexto rural e indígena como espaço de vida e nas interfaces com o cuidado em saúde, a partir do reconhecimento da saúde como parte integrante do desenvolvimento dessas comunidades. Nessa perspectiva, Akerman et al. (2006, p. 126) sugerem que a relação entre desenvolvimento e saúde é “uma aventura problematizadora entre campos de ação humana que interagem e se influenciam mutuamente”, um estaria implícito no outro. Sen (2000) contribui mencionando que desenvolver implica também atuar na saúde e promover saúde, que por sua vez, é desenvolver a humanidade.

Assim, entender as complexas e múltiplas formas de interpretação/ação, que

ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

constituem a vida rural e indígena exige a apropriação/aproximação da realidade marcada pelas diferenciações advindas das desigualdades e das necessidades nos distintos processos de interação que se apresentam. Diante disso, reconhece-se que a maioria das necessidades, em particular, as de saúde ultrapassam as categorias analíticas, metodológicas e técnicas de cada campo disciplinar. Com isso, e na direção dessa proposta busca-se ultrapassar os limites de conhecimento de cada área, utilizando-se de metodologias interativas, evolutivas, que combinem vários campos e múltiplas abordagens, a fim de revalorizar os esforços de sujeitos e grupos no sentido de criarem situações capazes de constituírem sistemas de cuidado à saúde que agreguem a cultura local (LOPES; COSTA, 2015).

Entre as ações de extensão desenvolvidas pelo Curso de Enfermagem no território indígena Kaingang destacam-se a educação permanente em saúde, realização de feiras de saúde e eventos de integração. As atividades extensionistas relatadas ocorrerão na aldeia do Alto Recreio-Reserva Indígena Serrinha/RS, junto da equipe multidisciplinar de saúde indígena que nela atua. Entre as ações destacam-se: a organização da 5ª Conferência Local de Saúde Indígena que aconteceu na Terra Indígena Serrinha em Julho de 2013 (conferência preparatória para a V Conferência Nacional de Saúde Indígena, Brasília); a Campanha Nacional de Multivacinação no mês de agosto de 2013; o auxílio na instrumentalização/treinamento e acompanhamento de três agentes indígenas de saúde (AIS) em dezembro de 2013. Além disso, a pedido da equipe de saúde da família indígena ao Curso de Enfermagem foi organizado em conjunto uma Feira de Saúde na aldeia no ano de 2014. Os encontros para planejar as atividades aconteceram nas dependências da Universidade. Os assuntos foram sugeridos e propostos pelos profissionais que atuam na aldeia, assim como a sugestão do nome dado ao evento.

Estiveram participando da 1ª Feira de Saúde Indígena na aldeia do Alto Recreio, reserva Indígena Serrinha, no município de Ronda Alta, acadêmicos do 6º Semestre do Curso de Enfermagem da UFSM/PM-RS. As oficinas educativas desenvolvidas foram voltadas à atenção à saúde da criança (obesidade infantil, pinturas em gravuras, colagens, teatro com fantoches: demonstração e lavagem das mãos, escovação dentária),



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

aos adolescentes foram abordados os assuntos (Doenças Sexualmente Transmissíveis/HIV e AIDS, gravidez precoce), na saúde da mulher (preventivo câncer do colo útero, mama, exames de rotina), na saúde do homem (DST, câncer de próstata, exames periódicos) e ao público em geral aconteceram rodas de conversas que versaram sobre: diabetes mellitus, hipertensão arterial (verificação da pressão arterial e glicemia capilar, cuidados com lesões nos pés), relatos de experiências com a saúde, medicina tradicional e fornecido orientações de autocuidado. O planejamento e organização das atividades educativas e preventivas contaram com a participação dos discentes do curso (30 alunos), professores da área de Saúde Coletiva, dos enfermeiros técnicos administrativos em educação da UFSM/PM, da Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena da aldeia Alto Recreio e Secretaria Municipal de Saúde e de Transporte de Ronda Alta. As atividades fazem parte da perspectiva de integrar ensino e serviços de saúde contemplando a diversidade social e cultural indígena, além de fazer parte das modalidades acadêmicas (aulas práticas) da estrutura curricular do Curso.

No dia 27 de Outubro de 2015 o Curso de Graduação em Enfermagem e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva (NEPESC), da UFSM/PM, em parceria com a Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (EMSI) – TerraIndígena Serrinha/Aldeia Alto Recreio, organizaram o encontro intitulado: “Saúde Coletiva e as interfaces com o território Indígena Kaingang: aproximando saberes”. O objetivo do evento foi proporcionar espaço coletivo de troca de saberes culturais e discussão, de fortalecimento do processo formativo, e fomentar a aproximação dos acadêmicos do curso de Enfermagem, com os serviços de saúde e a população indígena Kaingang. A programação contou com a presença de autoridades das áreas da educação, saúde, Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), Pólo Base Passo Fundo - RS, lideranças indígenas, indígenas, estudantes e docentes do Campus-Palmeira das Missões. Cerca de 150 pessoas participaram do encontro que ocorreu nas dependências da universidade. Na sequência, discentes e docentes do núcleo da Saúde Coletiva participaram da “Feira de Saúde” que aconteceu no dia 17 de novembro de 2015 na aldeia Serrinha/Aldo Recreio, desenvolvendo oficinas a partir das necessidades de saúde identificadas pela equipe de saúde indígena.

Realização:



Patrocínio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



4. Conclusão

Frente ao exposto e tendo a universidade como mediadora no processo educativo, de instrumentalização acadêmica, profissional e comunitária, as ações extensionistas desenvolvidas podem contribuir para o conhecimento acerca das comunidades rurais e indígenas, promovendo uma aproximação importante frente a suas principais necessidades sociais, de saúde, de educação, meio ambiente, geração de renda e qualidade de vida presentes neste território, a fim de construir futuras ações no campo da promoção da saúde, condizentes com a realidade local. No que tange à formação acadêmica do profissional enfermeiro esse tipo de atividade vai ao encontro das diretrizes curriculares para os cursos de enfermagem, na medida em que permite a aprendizagem significativa condizente com as necessidades de saúde da população.

Essa perspectiva de intervenção junto a essas realidades poderá nortear a construção de modelos de atenção e políticas públicas capazes de darem respostas adequadas aos problemas e necessidades de saúde da população dessa região. Isto em consonância e em constante mobilização, tendo em vista o fortalecimento da saúde como um bem público, como direito individual e coletivo que precisa ser sustentado com novas práticas pautadas na gestão democrática e participativa, centradas na perspectiva da promoção da saúde, e nos princípios e diretrizes do SUS (LOPES; GERHARDT, 2015; LOPES; COSTA, 2015).

A consolidação da Extensão da Universidade, neste Território, resulta em ações propositivas cujo foco das intervenções é a promoção da qualidade de vida das comunidades rurais e indígenas Kaingang.

5. Referências

AKERMAN, M. et al. Saúde e desenvolvimento: que conexões? In: CAMPOS, G.W. de S. et al (Org). Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Hucitec, 2006, p. 111-136.

BECKER, I.I.B. O índio Kaingang do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 1995, 334p.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

CLAUDINO, Z.K. A formação da pessoa nos pressupostos da tradição educação indígena kaingang. 2013. 118f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 29 Nov. 2014.

GERHARDT, T.E.; LOPES, M.J. Pensar o rural e a saúde: elementos teóricos e metodológicos. In: GERHARDT, T.E.; LOPES, M.J. O Rural e a saúde: compartilhando teoria e prática. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2015. p.15-28.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Índios Zona Urbana e Rural 2010. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: http://www.funai.gov.br/etnias/etnias/etn_rs.htm. Acesso em: 10 ago. 2011.

JAHN, A.C. O Kófa: uma etnografia sobre velhice Kaingang. 2015. 143 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2015.

LOPES, M.J.; COSTA, M.C. “Os de fora” – elementos para pensar a integralidade em saúde para os rurais. In: PINHEIRO, R et al. Cultura do cuidado e o cuidado na cultura: dilemas, desafios e avanços para efetivação da integralidade em saúde no Mercosul. Rio de Janeiro: Abrasco; 2015. p.211-226.

OLIVEIRA, L.D. (Orgs). Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul. Canoas: EdULBRA, 2005. p.156.

PEREIRA, W.S. A configuração do subsistema de atenção à saúde dos povos indígenas no Brasil e a consecução de políticas públicas diferenciadas para os Guarani e Kaingang no Rio Grande do Sul. p. 36-54. In: SILVEIRA, W.S.; OLIVEIRA, L.D. (Orgs). Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul. Canoas: EdULBRA, 2005. p.156.

TOMMASINO, K. A história dos Kaingang da Bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em movimento. 1995. 383f. Tese. (Doutorado em Antropologia)- Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

VEIGA, J. Aspectos fundamentais da Cultura Kaingang. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2006. 256 p.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:

